

## Competências letradas em comentários de portais de notícias brasileiros<sup>1</sup>

Rafael Rodrigues da Costa – Universidade Federal do Ceará (Brasil) –  
rafaelrg@ufc.br

**Resumo:** Propõe-se, na presente comunicação, observar a confluência entre a apropriação do gênero comentário e a sua natureza eminentemente dialógica (CUNHA, 2009, 2011, 2012, 2013), de modo a elucidar como a prática discursiva de comentar sinaliza para o desejo de romper com interdições impostas ao dizer (FOUCAULT, 2005). Nesse sentido, convocam-se como base metodológica os estudos de letramento, sobretudo aqueles ligados à noção de letramento midiático (LIVINGSTONE, 2010; MEY, 1998) - entendido como a habilidade de acessar, analisar, avaliar e criar mensagens numa variedade de contextos. A pergunta de partida do trabalho é: de que forma competências letradas oriundas desse entendimento se manifestam na prática discursiva de comentar em portais da web? O estudo se realizou nos portais UOL e G1, que possuem a maior audiência nessa categoria de sites no Brasil (TOP SITES, 2014). Os resultados apontam para um reconhecimento das competências letradas como um fator de valoração social nos ambientes de comentários, ainda que tais habilidades, em muitos casos, sejam manifestas de forma incipiente ou pouco cidadã, o que pode indicar a natureza gradual da aproximação dos brasileiros com tais plataformas.

**Palavras-chave:** Letramento. Portais. Comentários.

### 1. Introdução

A capacidade humana de comunicar por meio de sistemas sígnicos convencionados conduz ao entendimento de que toda enunciação é orientada,

---

<sup>1</sup> O artigo será apresentado em português brasileiro, seguindo o protocolo da mesa temática 623, no qual foi debatido durante o VI CILCS.

em alguma medida, a um outro. Entendendo a língua como um desses sistemas, é possível corroborar a noção de que toda prática de linguagem possui certo tipo de endereçamento - ao mesmo tempo que se dirige a alguém, ecoa já-ditos por outros (BAKHTIN, 2006 [1979], 2002 [1929], 1988).

Esse princípio dialógico de funcionamento da língua – como Bakhtin o denomina – permite entrever como as demandas sociais e as condições históricas em que os discursos são produzidos incidem sobre a circulação de sentidos efetivada por grupos humanos. As práticas discursivas de feição mais institucionalizada, como aquelas pertencentes à esfera da comunicação social, não fogem a essa dinâmica, ensejando a investigação de sua recepção ou apropriação social<sup>2</sup>.

Aqui permitimo-nos avançar em direção à prática discursiva de comentar em sites da web, objeto deste estudo. Tal atividade pode ser situada numa diacronia iniciada nas primeiras iniciativas de abertura sistemática à participação do público, que passa a ser entendido como co-partícipe e, em diversos casos, protagonista dos processos de circulação de informação e conhecimento (TRÄSEL, PRIMO, 2006). Embora a web tenha sido originalmente desenvolvida como uma ferramenta baseada em "princípios igualitários" (BERNERS-LEE, 2010, p. 80), sua incorporação em práticas cotidianas tem sido historicamente marcada por assimetrias, a exemplo dos diferentes graus de acesso às tecnologias que permitem o usufruto da web, naquilo que se denomina de exclusão digital (SORJ, GUEDES, 2005).

Além disso, o modelo tradicional de mídia como "conduto" (*pipeline*) cedo se insinuou na internet, com a chegada de versões web de produtos editoriais oriundos dos mercados impresso, televisivo e radiofônico, como documentado em cronologias sobre webjornalismo no Brasil (SCHWINGEL, 2012; FERRARI, 2003). Em outras palavras, o modelo de circulação de informações que predominou em parte considerável da trajetória da web passa pela transposição de conteúdos de uma mídia à outra, e também pela manutenção da prerrogativa de informar exercida pelos conglomerados

---

<sup>2</sup> Essa preocupação fica evidente em estudos acerca da recepção de mensagens comunicacionais (JACKS, 1996; COGO, BRIGNOL, 2011) ou em abordagens que procuram dar conta da responsividade suscitada por gêneros midiáticos (GOMES, 2007).

mediáticos. Desse modo, era comum que portais de notícias e sites informativos contassem com pouca ou nenhuma abertura à interferência dos leitores.

Essa realidade se reorienta, gradualmente, em direção ao que Lemos (2003) classifica como liberação do pólo emissor na cibercultura: a profusão de discursos de origens diversas, assinalando a pulverização da prerrogativa de tornar públicas informações e opiniões - antes concentrada nas corporações midiáticas. Uma das linhas de força capaz de explicar esse fenômeno é a emergência de um novo modelo de negócios para a produção de conteúdos e plataformas, comumente conhecido como web 2.0 (O'REILLY, 2005).

Nessa perspectiva, os produtos e serviços web enfatizam a facilidade de uso, a apropriação coletiva e o aperfeiçoamento conforme os interesses dos usuários. Assim, compreende-se porque plataformas como redes sociais e aplicativos tornam-se populares e adquirem valor em razão do uso contínuo e dos volumes de informação introduzidos por seus consumidores. Em tal cenário, observa-se a aparição de tais atributos de redes sociais em espaços mais verticalizados, como os portais de notícias. Os espaços de comentários, objeto de nosso trabalho, se apresentam hoje como fóruns de debates em que emergem características dessas redes, como a apresentação de si por meio de perfis e a atribuição de valor aos participantes (por exemplo a partir das *affordances*<sup>3</sup> *like* e *dislike*, Figura 1).

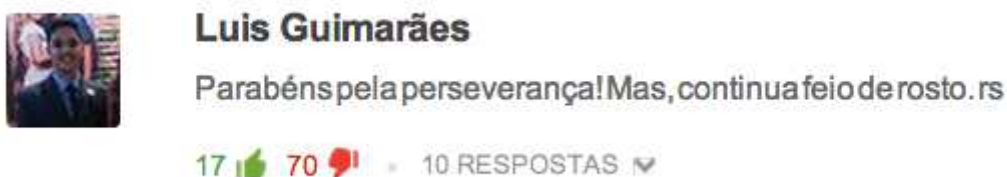


Figura 1: *Affordances like* e *dislike* (em verde e vermelho) em comentário do portal G1.

Fonte: Reprodução

Neste trabalho, temos o objetivo de discutir a relação entre a prática discursiva de comentar e as perspectivas teóricas dos estudos de letramentos,

---

<sup>3</sup> A ideia de *affordance* remete à obra de Gibson (1986). Deriva do verbo *afford*, que significa dar, causar, proporcionar, conferir, oferecer, ter outros meios ou recursos para.

sobretudo em sua perspectiva midiática (LIVINGSTONE, 2010). A pergunta de partida é: como as habilidades de letramento se manifestam nas práticas discursivas de comentar? Nesse sentido, observamos os comentários em portais de notícias brasileiros, com destaque para matérias publicadas nos portais UOL e G1, os mais acessados no Brasil nessa modalidade de página web (TOP SITES, 2014). Inicialmente, procederemos a uma revisão bibliográfica do conceito de letramento midiático, além de problematizar o comentário como produto de uma prática discursiva peculiar.

## 2. A noção de letramento midiático

A definição e a aplicabilidade do conceito de letramento (*literacy*) têm se provado temas controversos, dada a dificuldade no alcance de consensos sobre o assunto (PINHEIRO E ARAÚJO, 2012). Na sua acepção mais simples, pode-se dizer que letramento equivale à capacidade de ler e escrever (LIVINGSTONE, 2010). Contudo, mesmo esse conceito oculta “uma complexa história de contestação acerca do poder e da autoridade para acessar, interpretar e produzir textos impressos” (LIVINGSTONE, 2010, p. 4).

De todo modo, o entendimento de letramento como uma competência central aos indivíduos em sociedades mediatizadas (VERÓN, 2014) se consolida ao longo do tempo e, como não poderia deixar de ser, reclama uma ampliação do conceito em direção a outras modalidades de alfabetização. Essa reorientação se faz perceber no surgimento de nomenclaturas diversas, que buscam contemplar tais modalidades: letramento digital, letramento audiovisual, letramento midiático, entre outras noções.

Essa expansão não ocorre sem questionamentos. Cerutti-Rizzatti (2012), ao discutir o que chama de alargamento de fronteiras do conceito de letramento, defende ser necessária alguma relação com signos verbais escritos que se possa falar, de fato, em letramento. Embora admita que a aprendizagem da escrita seja um processo culturalmente situado e que mobilize competências cidadãs, a exemplo de outras práticas de letramento, a autora argumenta que isso não autoriza “uma expansão desmedida do uso do

termo letramento para instâncias diversas em que o signo verbal não esteja presente ou não seja prevalecente. Pelo bem ou pelo mal, letramento tem implicações com *littera*, ou seja, requer necessariamente a presença da língua escrita” (p. 294).

Para a autora, letramento é um conceito intrinsecamente associado à concepção de escrita como prática social e como processo cultural. Dessa forma, Cerutti-Rizzatti opta por denominar de eventos de letramento o conjunto de ocorrências em que a língua escrita não está presente ou não é a forma prevalecente. Mesmo acatando as ponderações da autora, é preciso salientar a natureza diversa e peculiar dos diferentes grupos de eventos de letramento. Assim, aqueles eventos de letramento vinculados, por exemplo, aos dispositivos audiovisuais como cinema e televisão merecem tratamento específico, bem como os demais tipos, que frequentemente se entrelaçam e se influenciam mutuamente.

Desse modo, nos afiliamos com a noção de multiletramentos criado pelo Grupo de Nova Londres<sup>4</sup>. O grupo tem como foco as mudanças sociais percebidas a partir da década de 80 e a necessidade de a escola enfatizar a formação de indivíduos capazes de exercer a cidadania de uma forma crítica em uma sociedade profícua em diversidade de culturas e de novas linguagens. Nesse sentido, faz sentido falar em letramentos midiáticos, como sendo aqueles que pertinem mais especificamente à utilização de meios de comunicação a partir dos quais é possível produzir formas simbólicas (THOMPSON, 2011).

Partindo desse enquadre, Livingstone (2010) concebe letramento midiático como a habilidade de acessar, analisar, avaliar e criar mensagens em uma variedade de formas.

Esses quatro componentes – acesso, análise, avaliação e criação de conteúdo – constituem juntos uma abordagem baseada em habilidades para o letramento midiático. Cada componente apóia os

---

<sup>4</sup> Nova Londres, em New Hampshire, Estados Unidos, é a cidade onde o grupo se reuniu pela em setembro de 1994. O Grupo de Nova Londres reuniu pesquisadores de diversas áreas. Em 1996 foi publicado o Manifesto Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuros Sociais.

outros como parte de um processo não linear e dinâmico de aprendizagem (...) (p. 5)

A autora ressalta que, diante das tecnologias de informação e comunicação, essa noção mínima de letramento é um ponto de partida para o entendimento de outras nuances. Assim, ocorre uma reconfiguração dos três processos que, juntos, condicionam a ideia de letramento: a representação simbólica e material do conhecimento, a difusão de habilidades interpretativas e o uso institucional do letramento.

Por sua vez, Mey (1998) assinala que o letramento midiático concerne à capacidade de acesso à mídia, mas de forma que os movimentos que se façam em relação às tecnologias do conhecimento estejam condicionados à nossa atitude em relação à sociedade.

### **3. Sobre a prática discursiva de comentar**

Como anteriormente destacado, pode-se conceber os usos da linguagem a partir de uma perspectiva dialógica, cujo axioma central é o de que os enunciados são essencialmente responsivos. Isso ocorre tanto porque deixam lacunas para os que lhes sucedem, como também pela capacidade de evocar aquilo que já se disse. O discurso sempre será veiculado por um enunciado; este, por sua vez, pertence a um sujeito. Essa pertença permite vislumbrar os limites dos enunciados, na medida em que esses limites são demarcados pela alternância dos sujeitos. Na circulação social dos enunciados, eles se organizam em tipos estáveis, qualificados por Bakhtin (2006 [1979]) de gêneros do discurso. Gêneros são, nessa concepção, uma espécie de fator de macro-organização da atividade social, por nos permitirem ingressar nessa atividade por meio da linguagem, que aqui é vista como uma ferramenta de interação.

Essa visão de discurso orientado coletivamente é partilhada por estudiosos contemporâneos como Fairclough (2008). “Ao usar o termo discurso”, afirma o autor, “proponho considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual (primazia do

sujeito e da subjetividade) ou reflexo de variáveis situacionais” (p. 90). Essa conceituação implica em considerar o discurso como modo de ação e representação, tendo relação dialética com a estrutura social. Se por um lado, o discurso é moldado pela estrutura social, por outro ele a constitui. Por fim, a ideia de discurso pressupõe a construção do mundo em significados.

Pode-se dizer que, para Bakhtin, a circulação social de enunciados, aqui caracterizada como organizada a partir do contato entre interlocutores, fundamenta-se na ideia de dialogismo. Mais um princípio do que propriamente uma categoria analítica, o dialogismo explicita, na obra desse autor, o reconhecimento da alteridade – entendida como força-motriz para a produção de enunciados. Assim, lembra Bakhtin, a noção de diálogo não se restringe a um sentido estrito, de forma tipificada de interação verbal. Apresentada na obra bakhtiniana por meio de termos diversos num mesmo campo semântico – como diálogo, dialógico, dialogização (BRES; NOWAKOWSKA, 2009) – essa ideia trouxe novas possibilidades para o estudo dos discursos de outrem em discursos atuais, até então pautadas no reconhecimento de formas sintáticas da língua (CUNHA, 2009).

Partindo dessa noção, acreditamos haver, no caso de sites web com abertura à participação do público, alguns tipos de atividade de atribuição de valor, tais como o comentário, a avaliação reativa e o compartilhamento de conteúdos e/ou outras intervenções de usuários. Todas essas têm em comum o fato que materializam o princípio dialógico subjacente às práticas de linguagem.

Essa assunção já se faz presente em trabalhos de Cunha (2009, 2011, 2012, 2013), que concentra seu foco analítico no comentário e nas cartas de leitores, entendidos sobretudo enquanto evidências de dialogismo. A autora parte da noção de ponto de vista (PDV) em comentários de notícias na web para afirmar a emergência de novas questões nos campos “do discurso, dos gêneros e da comunicação eletrônica” (p. 35). Sobre a prática de comentar, Cunha (2013) assinala:

Trata-se, portanto, de um gênero em expansão, em razão do crescente uso de redes sociais e das novas tecnologias: os jornais e blogs estão no Facebook, sendo possível escrever comentários, enviar vídeos e links, a partir de smartphones, tablets, celulares, etc., como bem mostra Eychenne (2010). Esse novo corpus revela de forma mais evidente a construção dialógica do gênero comentário de leitor bem como a construção dialógica do ponto de vista e da violência verbal. (CUNHA, 2013, p. 243)

A descrição apresentada pela autora converge com a perspectiva de liberação do pólo emissor, aludida em nossa Introdução. A expansão do gênero depende diretamente da outorga do direito de dizer que, mesmo contendo em si algumas interdições (SILVA, COSTA, 2014), possibilita aos sujeitos demarcarem espaços discursivos nos quais podem interagir com outros sujeitos ou apresentar o que Cunha considera um ponto de vista. Na seção a seguir, analisamos essa tomada de posição na perspectiva dos eventos de letramento, em notícias de portais brasileiros.

#### **4. Decisões metodológicas e análise de dados**

Do ponto de vista da caracterização da pesquisa, este artigo se vincula a um paradigma qualitativo, valendo-se de pressupostos da pesquisa interpretativista, que se preocupa, entre outras coisas, em compreender como os atores sociais se comunicam, o que pensam e o que sentem (EASTERBY-SMITH; THORPE; JACKSON, 2008). É também uma diretriz desse tipo de pesquisa a preocupação em interpretar a realidade social a partir do que ela significa para o ator observado.

A coleta de dados ocorreu no dia 20 de novembro de 2014, em dois portais de notícias brasileiros: UOL e G1. Estes foram escolhidos por serem os sítios brasileiros nessa categoria com maior audiência, segundo aferições do site Alexa.com (TOP SITES, 2014). Buscamos, em ambos os portais, matérias cujos eventos principais tenham se desenrolado no Brasil, com comentários abertos (ainda que condicionado a algum tipo de cadastro) e que tenham apresentado pelo menos 10 comentários. Foram escolhidas duas matérias em cada portal, assumindo que essa quantidade, embora não exaustiva, permite



flagrar algumas dinâmicas dialógicas e a incidência das características dos eventos de letramento. Os operadores de análise são, justamente, os componentes do conceito de letramento de Livingstone (2010), que aqui se articulam a considerações sobre as formas manifestas de dialogismo propostas por Cunha (2012, 2013).

Inicialmente, vamos nos ocupar em caracterizar brevemente as plataformas de comentários desses portais. O portal UOL habilita a atividade de comentar em todas as suas matérias, desde que o utente se submeta a um cadastro preenchido com dados pessoais ou por login em alguma rede social. O usuário deve escolher um nickname e um avatar. O ambiente de comentários tem limitação de caracteres e passa por moderação. Além disso, permite respostas a outros usuários, compartilhamentos, curtidas e denúncia de comentários.

Já o G1 é parte do portal Globo.com e partilha com os demais portais que lhe pertencem as políticas de privacidade e outras regras aplicáveis. Apenas algumas matérias habilitam os comentários e não há uma sinalização clara acerca dos critérios para tal seleção operada pelo portal. Os comentários dependem de cadastro em que se deve preencher um questionário com dados pessoais. Também há limitação de caracteres, mas não há moderação. A plataforma permite respostas a outros usuários e compartilhamentos.

Destacamos primeiramente a matéria “Agente que parou juiz em blitz no Rio é condenada a pagar indenização”<sup>5</sup>. Trata do relato do caso de uma agente de trânsito que foi condenada por danos morais ao abordar um juiz de Direito numa blitz e se desentender com o magistrado. A reportagem evidencia, sobretudo, as habilidades de análise, avaliação e criação de mensagens, uma vez que mobiliza os usuários a assumirem lugares de discurso, reconhecendo no texto jornalístico uma fonte potencial para a discussão de temas como o funcionamento das instituições, abuso de poder e assimetrias sociais, entre outros temas. Nesse sentido, o debate verificado ao longo dos 1000 comentários deixados na plataforma apresenta, com variações, pontos de vista fundados na ideia de que a ocorrência relatada extrapola a normalidade, seja

---

<sup>5</sup> Disponível em <http://uol.com/bhd6ms>. Acesso em 20 nov. 2014.

porque revela conduta inadequada do juiz, seja porque evidencia abuso de poder da agente de trânsito.

Assim, do ponto de vista da análise, é possível afirmar que muitos usuários atribuem ao episódio uma qualidade polêmica, isto é, que merece algum tipo de contestação, contraponto ou problematização para além do exposto no texto jornalístico – que costumeiramente prescinde de tais operações de construção de sentido. Esse entendimento está expresso no caráter avaliativo apresentado nos comentários, sobretudo quando, de um ponto de vista discursivo, estão fundados naquilo que Labov (2008) chama de *modalidade irrealis*: negativas, condicionais e futuros que se referem ao universo do hipotético, do não-ocorrido. Dois exemplos (Figuras 2 e 3) ilustram essa modalidade de avaliação:

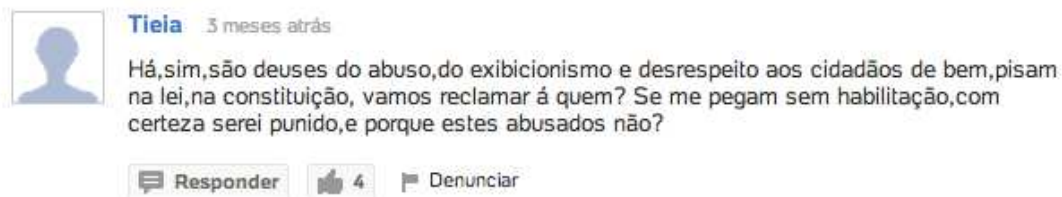


Figura 2: Comentário no portal UOL. Fonte: Reprodução

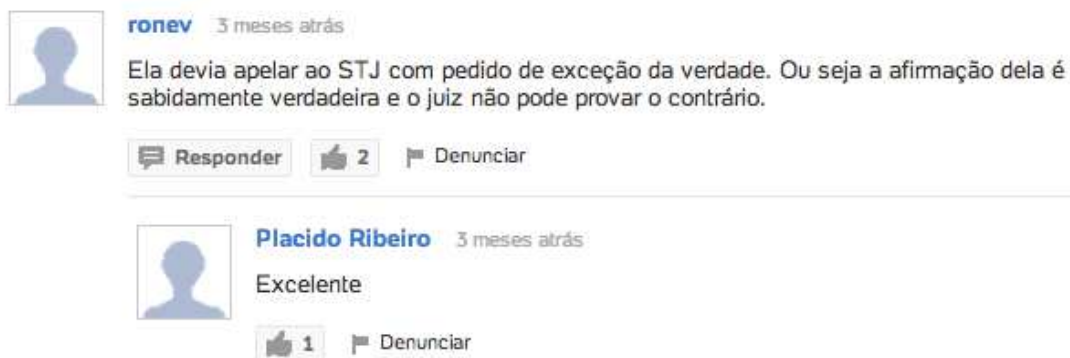


Figura 3: Comentário no portal UOL. Fonte: Reprodução

O comentário da Figura 2, para além do uso de uma modalidade mais assertiva, afirmativa (“são deuses do abuso”, “pisam na lei”), que por si só configura um julgamento acerca de uma classe de cidadãos, os juízes, faz uso

de sentenças *irrealis* para evocar um fluxo de realidade alternativo, em que figuram eventos potenciais, futuros ou simplesmente não-ocorridos (“Se me pegam sem habilitação”). Na Figura 3, o autor sugere, por meio de um tempo verbal condicional, que a agente de trânsito recorra ao Superior Tribunal de Justiça. Mais uma vez, ao evocar um fluxo de realidade paralelo, porém fundamentado numa dada factualidade, o comentário contribui para expandir as possibilidades interpretativas do conjunto de leitores, para além dos eventos descritos na reportagem. Tais possibilidades se efetivam a partir de um domínio minimamente proficiente do gênero comentário, como capaz de articular valores do domínio epistêmico (relativo ao conhecimento e à crença), materializando o componente de criação de mensagens aludido por Livingstone (2010).

Os comentários acima, ao se valerem de tais estratégias, acabam por se distinguirem de outros, fato expresso pela valoração a eles atribuída por meio da *affordance like*, exibida junto ao comentário como uma espécie de ranking (no caso do portal G1, há a possibilidade de organizar a exibição dos comentários a partir dos mais curtidos). Esse tipo de reconhecimento se repete nos outros exemplares de reportagens coletados para análise e parece indicar uma espécie de aprovação direcionada aos usuários capazes de polemizar de forma mais eloquente, original ou articulada. Serve, ainda, para ratificar a natureza dialógica da produção de discursos, aqui expressa por meio de índices manifestos. É um indício de que as competências letradas mobilizadas pelos usuários-comentaristas se constituem em um capital simbólico levado para as interações nessas plataformas – ainda que nem sempre esse capital se coadune com posturas cidadãs.

É o que se percebe na leitura dos comentários da reportagem do portal G1 intitulada “Guerra síria faz estilista virar camelô e engenheiro vender roupas em SP”<sup>6</sup>, de autoria de Flávia Mantovani. A reportagem mostra a rotina de refugiados da guerra civil na Síria que se instalaram em São Paulo. Aqui, pudemos organizar a visualização dos comentários de forma a exibir, primeiramente, os mais populares, isto é, aqueles que obtiveram maior

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://glo.bo/1gbvOLA>. Acesso em 20 nov. 2014.

contagem da *affordance like* (curtir). O primeiro comentário, o mais popular, aparece na Figura 4, a seguir:



Figura 4: Comentário no portal G1. Fonte: Reprodução

Os componentes análise, avaliação e criação de mensagens mais uma vez são os mais salientes, sem que se desconsidere a importância do componente acesso, mas que nos exemplos não figura como fundamental. A instância da análise instiga, como nos demais exemplos analisados, os usuários a reabilitarem dados contextuais ou debaterem questões mais globais ou consideradas mais palpitantes por eles. Essa *modus operandi* sugere que as competências letradas na leitura de reportagens em portais passa pela assunção de uma voz capaz de opinar – e, não raro, contradizer – as descrições mais ou menos fixas apresentadas pelos jornalistas em seus textos.

No comentário da Figura 4, o ponto de vista assumido pelo usuário sugere um enquadre ausente do texto da reportagem: o Brasil é um país com problemas equivalentes aos de guerra, fome ou terremotos vivenciados em outras nações. A asserção apresenta valor modal de certeza, com uso de verbos no presente. O conteúdo proposicional faz referência à condução política do Partido dos Trabalhadores (PT), considerada inepta. Esse posicionamento motiva a criação de diversas outras mensagens ao longo dos 698 comentários. Queixas em relação à situação do Brasil, além de um desapontamento manifesto com relação aos valores e práticas do país, dão o tom e revelam as prioridades de muitos leitores, que enxergam no conteúdo midiático uma permissão para colocá-las em evidência.

Sobressai, não raro, a presença da violência verbal nos comentários, intensificando a perspectiva polêmica à qual aludimos no exemplo anterior. Um exemplo está no comentário da Figura 5, a seguir:



**José Medeiros**

Se os COVARDES que estão comentando besteira aqui passassem por 5% que o pai dessa família está passando, provavelmente iriam se suicidar, não aguentariam a pressão. É FÁCIL falar besteira quando vivem num país que não possui conflitos externos. Calem a boca e vão trabalhar seus vermes. Imagino a preocupação que esse pai sírio está passando. Vivendo em outro país sem conhecer a língua e ainda ter que carregar toda a família nas costas não é fácil. Já não é fácil para um brasileiro desempregado que tem muitos filhos, imagine para um estrangeiro. Vocês que comentam Cocô deveriam se solidarizar.

112 👍 5 🗨️ · 6 RESPOSTAS ▼

Figura 5: Comentário no portal G1. Fonte: Reprodução

O comentarista qualifica como “covardes” (em maiúsculas, o que na web é sinal de descortesia) diversos outros comentaristas que se manifestaram contra a chegada dos refugiados sírios. Termos como “vermes” aparecem no comentário, que parte de uma sentença *irrealis* (“Se os COVARDES (...) passassem por 5% que o pai dessa família está passando”) para mobilizar argumentos a favor de uma melhor acolhida para os imigrantes sírios. Apesar de não direcionada a um comentarista específico, a violência verbal demonstra o acirramento causado por alguns temas, resultando numa tentativa de desqualificação de outros sujeitos, o que coloca em risco a manutenção do debate em níveis de civilidade.

Como um todo, os resultados apontam para um reconhecimento das competências letradas como um fator de valoração social nos ambientes de comentários, ainda que tais habilidades, em muitos casos, sejam manifestas de forma incipiente ou pouco cidadã, o que pode indicar a natureza gradual da aproximação dos brasileiros com tais plataformas. Uma exploração mais sistemática do gênero comentário pode dar mais corpo a essa suposição, ainda que os resultados da presente pesquisa reivindicuem a legitimidade e a urgência das pesquisas sobre letramento em ambientes abertos à intervenção dos sujeitos.

## 5. Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal, São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2006, pp. 278-326.

\_\_\_\_\_. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. São Paulo: UNESP, HUCITEC, 1988.

\_\_\_\_\_. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BERNERS-LEE, T. Long Live the Web. *Scientific American*, dez. 2010, p. 80-85.

BRES, J; NOWAKOWSKA, A. Dialogisme: du principe à la matérialité discursive. In: PERRIN, L. (éd.). *Le sens et ses voix, Recherches linguistiques 28*, Metz: Université de Metz, 2006, 21-48.

CERUTTI-RIZZATTI, M. E. Letramento: uma discussão sobre implicações de fronteiras conceituais. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 118, p. 291-305, jan.-mar. 2012

COGO, D.; BRIGNOL, L. Redes sociais e os estudos de recepção na internet. *MATRIZES*, São Paulo, ano 4, n. 2, jan/jun 2011, pp. 75-92.

EASTERBY-SMITH, M.; THORPE, R.; JACKSON, P. *Management Research*, SAGE Publications Ltd., London. 2008.

CUNHA, D. A. C. Circulação, reacentuação e memória no discurso da imprensa. *Baktiniana*, São Paulo, v.1, n.2, p. 23-39, 2o semestre 2009.

\_\_\_\_\_. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n.5, p. 116-132, 1º semestre 2011.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. *Revista Investigações*, Recife, v. 25, n. 2, julho de 2012.

\_\_\_\_\_. Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícia. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 11, n.3, p. 241-249, set/dez 2013.

EYCHENNE, A. 2010. "Internet, la parole est aux lecteurs", mémoire de maîtrise, *Médias*, 2:1-16.. Disponível em: <http://www.samsa.fr/2011/02/05/la-voie-place-du-participatif-dans-les-redactionspar-alexia-eychenne/>. Acesso em: 20 nov. 2014.

## Actas – VI Congresso Internacional Latina de Comunicação Social – VI CILCS – Universidad de La Laguna, diciembre 2014

---

- FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- FERRARI, P. Jornalismo Digital. São Paulo: Contexto, 2004.
- FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso. São Paulo, Edições Loyola, 2005.
- GIBSON, J. The Theory of Affordances. In: SHAW, R.; BRANSFORD, J. Perceiving, Acting and Knowing. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1986.
- GOMES, I. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. E-compós, v. 8, 2007.
- JACKS, N. Tendências latino-americanas nos estudos de recepção. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 5, nov. 1996, pp. 44-49.
- LABOV, W. Oral narratives of personal experience. In: Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences. Cambridge : Cambridge University Press : 2008.
- LEMOS, A. Cibercultura: alguns pontos para compreendermos a nossa época. IN: LEMOS, A.; CUNHA, P. (Orgs). Olhares sobre a Cibercultura. Sulina, Porto Alegre, 2003, pp. 11-23. Disponível em: [www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibercultura.pdf](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibercultura.pdf)
- LIVINGSTONE, S. Media Literacy and the Challenge of New Information and Communication Technologies. The Communication Review, 2010, 7:1, p. 3-14.
- MEY, J. L. As vozes da sociedade: letramento, consciência e poder. Tradução de Maria da Glória de Moraes. Tradução de The voices of society: literacy, conscienceness and power. In.: DELTA, vol.14, nº2,p.331 – 338. 1998.
- O'REILLY, T. O que é Web 2.0: Padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software. O'Reilly, 2005. Disponível em: <http://www.flaudizio.com.br/files/o-que-e-web-20.pdf>. Acesso em 10 mai. 2014.
- PRIMO, A.; TRÄSEL, M. Webjornalismo participativo e a escrita coletiva de notícias. **Contracampo**, Niterói, v.14, 1º semestre/2006. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf>. Acesso: 10 mai. 2014.
- SCHWINGEL, C. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- SILVA, N.; COSTA, R. A manifestação do pathos por meio da argumentação no gênero comentário. In: II Congresso Mundial de Comunicação Ibero-Americana, 2014, Braga. II Confibercom: os desafios da investigação. Braga:

## Actas – VI Congreso Internacional Latina de Comunicación Social – VI CILCS – Universidad de La Laguna, diciembre 2014

---

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2014, p. 1336-1345.

SORJ, B.; GUEDES, L.E.. Exclusão digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 72, julho 2005, pp. 101-117.

THOMPSON, J. B. *Mídia e Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

TOP SITES in Brazil. Alexa – the web information company. Disponível em: <<http://www.alexa.com/topsites/countries/BR>>. Acesso em: 10 mai. 2014.

VERÓN, E. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *MATRIZES*, São Paulo, v. 8, n.1, jan/jun 2014, pp. 13-19.